

## Cantata à morte de Inês de Castro

Bocage

As filhas do Mondego a morte escura,  
Longo tempo, chorando, memoraram.  
CAMÕES, Lusíadas. Canto 3, cxxxv

Longe do caro Esposo Inês formosa  
Na margem do Mondego  
As amorosas faces aljofrava  
De mavioso pranto.  
Os melindrosos, cândidos penhores  
Do tálamo furtivo,  
Os filhinhos gentis, imagem dela,  
No regaço da mãe serenos gozam  
O sono da inocência.  
Coro subtil de alígeros Favónios  
Que os ares embrandece,  
Ora enlevado afaga  
Com as plumas azuis o par mimoso,  
Ora solto, inquieto,  
Em leda travessura, em doce brinco,  
Pela amante saudosa,  
Pelos ternos meninos se reparte,  
E com ténue murmúrio vai prender-se  
Das áureas tranças nos anéis brilhantes.  
Primavera louçã, quadra macia  
Da ternura e das flores,  
Que à bela Natureza o seio esmaltas,  
Que no prazer de Amor ao mundo apuras  
O prazer da existência,  
Tu de Inês lacrimosa  
As mágoas não distrais com teus encantos.  
Debalde o rouxinol, cantor de amores,  
Nos versos naturais os sons varia;  
O límpido Mondego em vão serpeia  
Co'um benigno sussurro, entre boninas  
De lustroso matiz, almo perfume;  
Em vão se doira o Sol de luz mais viva,  
Os céus de mais pureza em vão se adornam  
Por divertir-te, ó Castro;  
Objectos de alegria Amor enjoam,  
Se Amor é desgraçado.  
A meiga voz dos Zéfiro, do rio,  
Não te convida o sono:  
Só de já fatigada  
Na luta de amargosos pensamentos  
Cerras, mísera, os olhos;  
Mas não há para ti, para os amantes  
Sono plácido e mudo;  
Não dorme a fantasia, Amor não dorme:

Ou gratas ilusões, ou negros sonhos  
Assomando na ideia, espertam, rompem  
O silêncio da Morte.  
Ah!, que fausta visão de Inês se apossa!  
Que cena, que espectáculo assombroso  
A paixão lhe afigura aos olhos d'alma!  
Em marmóreo salão de altas colunas,  
A sólio majestoso e rutilante  
Junto ao régio amador se crê subida;  
Graças de neve a púrpura lhe envolve,  
Pende augusto dossel do tecto de ouro,  
Rico diadema de radioso esmalte  
Lhe cobre as tranças, mais formosas que ele;  
Nos luzentes degraus do trono excelso  
Pomposos cortesãos o orgulho acurvam;  
A lisonja sagaz lhe adoça os lábios;  
O monstro da política se aterra  
E, se Inês perseguia, Inês adora.  
Ela escuta os extremos,  
Os vivos populares; vê o amante  
Nos olhos estudar-lhe as leis que dita;  
O prazer a transporta, amor a encanta;  
Prémios, dádivas mil ao justo, ao sábio  
Magnânima confere;  
Rainha esquece o que sofreu vassala:  
De sublimes acções orna a grandeza,  
Felicita os mortais; do ceptro é digna,  
Impera em corações... Mas, Céus! Que estrondo  
O sonho encantador lhe desvanece!  
Inês sobressaltada  
Desperta, e de repente aos olhos turvos  
Da vistosa ilusão lhe foge o quadro.  
Ministros do Furor, três vis algozes,  
De buídos punhais a dextra armada,  
Contra a bela infeliz, bramando, avançam.  
Ela grita, ela treme, ela descora;  
Os frutos da ternura ao seio aperta,  
Invocando a piedade, os Céus, o amante;  
Mas de mármore aos ais, de bronze ao pranto,  
À suave atracção da formosura,  
Vós, brutos assassinos,  
No peito lhe enterrais os ímpios ferros.  
Cai nas sombras da morte  
A vítima de Amor lavada em sangue;  
As rosas, os jasmins da face amena  
Para sempre desbotam;  
Dos olhos se lhe some o doce lume;  
E no fatal momento  
Balbucia, arquejando: «Esposo! Esposo!»

Os tristes inocentes  
À triste mãe se abraçam,  
E soltam de agonia inútil choro.  
Ao suspiro exalado,

Final suspiro da formosa extinta,  
Os amores acodem.  
Mostra a prole de Inês, e tua, ó Vénus,  
Igual consternação e igual beleza:  
Uns dos outros os cândidos meninos  
Só nas asas diferem  
(Que jazem pelo campo em mil pedaços  
Carcases de marfim, virotes de oiro).  
Súbito voam dois do coro alado:  
Este, raivoso, a demandar vingança  
No tribunal de Jove;  
Aquele a conduzir o infausto anúncio  
Ao descuidado amante.  
Nas cem tubas da Fama o grão desastre  
Irá pelo Universo.  
Hão-de chorar-te, Inês, na Hircânia os tigres;  
No torrado sertão da Líbia fera,  
As serpes, os leões hão-de chorar-te.  
Do Mondego, que atónito recua,  
Do sentido Mondego as alvas filhas  
Em tropel doloroso  
Das urnas de cristal eis vêm surgindo;  
Eis, atentas no horror do caso infando,  
Terríveis maldições dos lábios vibram  
Aos monstros infernais, que vão fugindo,  
Já c'roam de cipreste a malfadada,  
E, arrepelando as nítidas madeixas,  
Lhe urdem saudosas, lúgubres endeixas.  
Tu, Eco, as decoraste,  
E, cortadas dos ais, assim ressoam  
Nos côncavos penedos, que magoam:

«Toldam-se os ares,  
Murcham-se as flores;  
Morrei, Amores,  
Que Inês morreu.

«Mísero esposo,  
Desata o pranto,  
Que o teu encanto  
Já não é teu.

«Sua alma pura  
Nos Céus se encerra;  
Triste da Terra,  
Porque a perdeu.

«Contra a cruenta  
Raiva íerina,  
Face divina  
Não lhe valeu.

«Tem roto o seio  
Tesoiro oculto,

Bárbaro insulto  
Se lhe atreveu.

«De dor e espanto  
No carro de ouro  
O Númen loiro  
Desfaleceu.

«Aves sinistras  
Aqui piaram  
Lobos uivaram,  
O chão tremeu.

«Toldam-se os ares,  
Murcham-se as flores:  
Morrei, Amores,  
Que Inês morreu.»